

Algo grande e que seja amor (9): Vou acertar?

Quando entra a inquietação no coração sobre um caminho possível, é natural duvidar e sentir medo: Deus procura-nos e nós, apesar da nossa fragilidade, desejamos viver com Ele e para Ele.

10/06/2019

Faça o download do livro “**Algo grande e que seja amor**”

Os Apóstolos ficaram pensativos depois de contemplar o encontro de Jesus com o jovem rico e o seu resultado: o rapaz "foi-se embora triste" (cf. Mt 19,22ss).

Provavelmente, desconcerta-os o olhar de Jesus, não triste, mas ferido: "difícilmente entrará um rico no reino dos céus". Pedro, como noutras ocasiões, torna-se porta-voz do sentimento comum: «Nós deixámos tudo e seguimos-Te, que será de nós?». Fazendo-se eco destas palavras, e com a mesma familiaridade de um bom amigo, S. Josemaria dirigiu-se ao Senhor num momento difícil para a Obra: "Que tencionas fazer connosco? Não podes abandonar aqueles que confiaram em Ti!"[1].

Que será de mim?

O início de uma vocação, como o começo de qualquer caminho, geralmente traz consigo uma certa dose de incerteza. Quando Deus permite que entre inquietação no nosso coração, e começa a delinear um possível caminho concreto, é natural perguntar-se: será por aqui?

Que há por trás desta dúvida? Desde o começo, um medo bastante normal. Medo da vida e das nossas próprias decisões: não sabemos o que acontecerá no futuro, para onde nos levará esse caminho, porque nunca o percorremos antes. A dúvida também se explica pelo nosso desejo de acertar: queremos que a nossa vida seja valiosa, deixe rasto; além disso, as coisas grandes e belas exigem o melhor de nós próprios e não queremos precipitar-nos. Mas a razão mais profunda é mais misteriosa e simples ao mesmo tempo: Deus que nos procura e nós que queremos viver com Ele.

Geralmente não é Deus que nos assusta, mas nós mesmos. Inquieta-nos a nossa fragilidade perante um Amor tão imenso: pensamos que não podemos estar à altura.

Quando Pedro pergunta a Jesus " que será de nós"; quando S. Josemaria pergunta a Jesus "que será de nós"; quando um cristão pergunta a Jesus " que será de mim" se eu seguir esse caminho, que responde Cristo?

Olhando para o coração, Jesus diz-nos, com uma voz cheia de amor e alegria, que cada um de nós é uma aposta de Deus, e que Deus nunca esquece os Seus compromissos. Viver significa aventura, risco, limitações, desafios, esforço, deixar o pequeno mundo que controlamos e encontrar a beleza de dedicar as nossas vidas a algo maior do que nós e que preenche a nossa sede de felicidade. Podemos imaginar o olhar esperançoso de Jesus ao pronunciar aquelas palavras que ressoaram e

continuarão a ressoar em muitos corações: "E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna."(*Mt* 19,29). Deus só dá em grande.

Contudo, não se trata de esperar uma revelação deslumbrante, ou um plano traçado até ao último detalhe. Deus pensou em nós, mas também conta com a nossa iniciativa.

«Quando uma pessoa depara com a incerteza da existência de um chamamento peculiar de Deus, é indubitavelmente necessário pedir ao Espírito Santo "luz para ver" a própria vocação; mas se a mesma pessoa e aqueles que hão de intervir no discernimento vocacional (direção espiritual, etc.) não veem nenhum dado objetivo contrário e a Providência (...) conduziu a pessoa a essa experiência, além de continuar a pedir a Deus "luz para ver", é

importante - penso que é mais importante - pedir "força para querer", de modo que com essa força que eleva a liberdade no tempo se configure a mesma vocação eterna» [2].

Não estamos sós: a Igreja é o caminho

Neste processo de discernimento da nossa própria vocação, não estamos sozinhos, porque toda a vocação cristã nasce e cresce na Igreja.

Através dela, Deus atrai-nos para Ele e chama-nos; e é a própria Igreja que nos acolhe e nos acompanha nesse caminho para Deus.

A Igreja atrai. Deus serve-se, ao longo da história, de pessoas que deixam um sulco profundo com a sua existência; que marcam caminhos para a entrega de outros. A sua vida, os seus ideais, os seus ensinamentos inspiram-nos, eles sacodem-nos: tiram-nos do egoísmo e chamam-nos

para uma vida mais plena, de amor. Este chamamento faz parte dos planos de Deus, da ação do Espírito Santo que nos prepara o caminho.

A Igreja chama. Deus «não nos pede licença para" complicar as nossas vidas ". Mete-se e ... já está!» [3]. E para isso, espera que os Seus filhos se atrevam a convidar-se uns aos outros a considerar seriamente a possibilidade de Lhe entregar a vida. Jesus comparou o Reino de Deus a um grande banquete em que Deus quer que todos os homens participem, mesmo os que ao princípio pareciam não estar convidados (Lc 14,15-24). E, de facto, normalmente Deus conta com um *convite externo* para fazer a Sua voz ressoar no coração da pessoa.

Todas as vocações cristãs, quando encontram uma resposta enamorada, levam à santidade. Portanto, a melhor vocação é, para cada um, a

própria. Dito isto, não há caminhos fechados *a priori*. A vida para Deus no casamento ou no celibato está, à partida, ao alcance de todos. A nossa biografia, a história pessoal vai fazendo o seu próprio caminho, e coloca-nos numa encruzilhada ou noutra. A escolha depende da liberdade pessoal: é isso, escolha. Cristo quer-nos livres: «se alguém me quiser seguir»... (*Mt 16,24*); «Se queres ser perfeito»... (*Mt 19,21*).

Ora bem, o que leva a escolher uma vocação específica dentre todas as possíveis? A liberdade procura horizontes grandes, divinos, de amor. Santo Inácio de Antioquia dizia que "o cristianismo não é uma questão de persuasão, mas de grandeza" [4]. Basta propô-lo com toda a sua beleza e simplicidade, com a vida e com as palavras, para atrair as almas pela sua própria força, desde que se deixem interpelar por Cristo (cf. *Mc 10,21*). Algo dentro da

pessoa, muito íntimo e profundo, um pouco desconhecido e misterioso até para ela, ressoa e entra em sintonia com essa proposta de um caminho dentro da Igreja. Os gregos já afirmavam: somente o semelhante conhece o semelhante [5]. A vida autêntica de outros cristãos apela-nos a aproximar-nos de Jesus e dar-Lhe o nosso coração. Vemos um exemplo de santidade em pessoas próximas de nós e pensamos: "Talvez eu também...". É o "vem e vê" do Evangelho, que nos desafia aqui e agora (Jo 1,46).

A Igreja acolhe e acompanha.

Qualquer pessoa normal pode, sem experimentar chamamentos especiais, embarcar numa vida de serviço, de doação: no celibato ou no casamento, no sacerdócio, no estado religioso. O discernimento sobre a vocação de cada um é resolvido de acordo com a retidão da intenção, as aptidões da pessoa e sua idoneidade.

Este discernimento requer a ajuda de outros: em particular, da direção espiritual. Por outro lado, também é necessária a deliberação de quem governa a instituição eclesial em questão. Porque a missão de acolher, por parte da Igreja, é também garantir que todos encontrem o seu lugar. Se pensarmos bem, é uma bênção de Deus que, ao projetar a nossa vida, haja pessoas em quem possamos confiar e que, por sua vez, confiem em nós. Que outros, com profundo conhecimento da nossa pessoa e da nossa situação, possam afirmar em consciência: "força, tu podes", tens as condições ou os talentos necessários para esta missão, que talvez seja a tua, e que podes aceitar, se realmente queres; ou que possam dizer-nos, também em consciência: "talvez este não seja o teu caminho".

A vocação é sempre uma *win-win situation*, uma situação em que todos

ganham. É o melhor para cada uma das partes em relação: a pessoa e a instituição eclesial. Deus Pai segue cada uma dessas histórias pessoais com a Sua providência amorosa. O Espírito Santo fez instituições e caminhos de santidade emergirem na Igreja que servem como canais e ajuda para as pessoas singulares. E é também o Espírito Santo que move determinadas pessoas, em momentos específicos da sua vida, a vivificar esses canais na Igreja com a sua entrega.

O salto da fé: confiar em Deus

Perante a multidão que O segue, Jesus pergunta a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?» (Jo 6,5). Os apóstolos sabem bem que não podem fazer nada contra a fome das pessoas. Só têm "cinco pães de cevada e dois peixes" de um rapaz que estava por ali. Jesus pegou nesses pães, deu de

comer a todos e sobrou tanto que disse aos discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca» (v.12). Só Jesus pode fazer com que nada da nossa vida se perca, que aproveite a toda a humanidade; mas temos que confiar-Lhe tudo o que temos. Então faz maravilhas, e os Seus primeiros destinatários somos nós mesmos.

Confiar em Deus, abrir-Lhe as portas das nossas vidas, leva-nos a enternecer-nos com Ele perante a multidão faminta d'Ele, como ovelhas sem pastor. E reconhecer que conta connosco para levar o Seu amor a todas essas pessoas. E, por fim, a lançar-nos, porque é algo que excede o que poderíamos ter concebido por conta própria. Lançar-nos, conscientes de que, com a ajuda de Deus, chegaremos adiante: colocando-nos nas Suas mãos, confiando plenamente n'Ele. E como Deus não Se impõe, é necessário um

salto de fé: «Porque não te entregas a Deus de uma vez..., de verdade..., agora?! »[6].

Claro, é necessário pensar nas coisas. É o que a Igreja chama tempo de discernimento. No entanto, deve-se notar que "o discernimento não é uma autoanálise presunçosa, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos.»[7] A vocação implica sair de si mesmo, sair da zona de conforto e segurança individual. Para saltar de paraquedas é fundamental que o paraquedas funcione e se abra, para que possamos descer suavemente. Mas primeiro é crucial saltar do avião sem abrir o paraquedas. De modo análogo, vocação significa viver confiado em Deus, não na própria segurança. Falando dos Magos do Oriente, São João Crisóstomo diz que

se "quando eles estavam na Pérsia viam a estrela, uma vez que deixaram a Pérsia, viram o Sol da Justiça"; mas que "se não tivessem deixado com decisão o seu país, nem sequer poderiam continuar a ver a estrela" [8].

«Sabes que o teu caminho não é claro. - E que o não é, porque, não seguindo de perto a Jesus, ficas nas trevas. - Que esperas para te decidires?»[9] Só se escolher o caminho, posso percorrê-lo, vivendo o que escolhi. Para ver a estrela, é necessário começar a andar, porque os planos de Deus sempre nos superam, vão além de nós mesmos. Somente confiando n'Ele nos tornamos capazes. Ao princípio não podemos: precisamos de crescer. Mas para crescer há que acreditar: "sem Mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5), comigo podeis tudo.

Daí o erro daqueles que passam a juventude à espera de uma iluminação definitiva sobre a sua vida, sem decidir nada. Daí também um limite especial que existe hoje: fazem-se tantas *selfies*, uma pessoa vê-se em tantas fotografias, que talvez pense que já se conhece perfeitamente. No entanto, para encontrar verdadeiramente a própria identidade, é necessário redescobrir *o que não se vê* da própria vida: tudo o que tem de *mistério*, de presença e amor de Deus por cada um. Querer viver é descobrir e abandonar-se com confiança a este mistério, aceitando uma lógica e umas razões que não podemos abarcar.

As histórias de Deus começam pouco a pouco. Mas o caminho da confiança que arrisca tudo chega a realizar os maiores sonhos, os sonhos de Deus. Quando, como bons filhos de Deus, nos deixamos guiar pelo Espírito

Santo (cf. Rm 8,14), a nossa vida levanta voo. É o caminho dos Magos; o de Maria, uma menina que será a Mãe de Deus e o de José, um carpinteiro a quem Deus adota como pai; o dos Apóstolos, que passam das vacilações e erros iniciais a serem as colunas sobre as quais a Igreja é edificada ...; e a de muitos cristãos que nos precedem e nos acompanham. Quem poderia pensar nesse mistério no começo das suas vidas? Só se vê claro no final. Mas o fim é possível porque no começo cada um soube sair da sua própria falsa segurança e saltar para os braços fortes de Deus Pai [10].

Assim, quando o discernimento avança, e uma vocação específica toma contornos definidos, torna-se clara a necessidade, para continuar a avançar, do salto inicial de fé: dizer que sim. O discernimento só pode ser completado desta maneira, e é por isso que a Igreja previu, com a sua

sabedoria secular, uma série de etapas que se percorrem progressivamente, a fim de averiguar bem a adequação das pessoas em relação a cada caminho vocacional concreto. Este modo de fazer dá muita paz ao coração e reforça a decisão de confiar em Deus, que levou cada um e cada uma a entregar-se. Não duvidamos de Deus, mas de nós mesmos, e é por isso que confiamos n'Ele e na Igreja.

Pela nossa parte, trata-se de considerar tudo o que somos e valem os, para oferecer tudo, como explica a parábola dos talentos (cf. Mt 25,14-30); e de não ficar com nada sem negociar, sem compartilhar. Esta é a chave para uma decisão madura e sincera: a disposição de entregar-se completamente, abandonar-se completamente nas mãos de Deus, sem reservar nada, e a percepção de que esta entrega nos enche de paz e alegria que não vem de nós mesmos.

É assim que a profunda convicção de ter encontrado o nosso caminho pode criar raízes.

No momento de discernir a vocação, Maria pergunta ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» (Cf. Lc 1,34 ss). O anjo é o mensageiro, o mediador que chama, seguindo a voz de Deus. Maria não põe nenhuma condição, mas pergunta para acertar. E o anjo assegura-lhe: o Espírito Santo fará isso, porque o que te comuniquei ultrapassa-te, mas "nada é impossível a Deus" (v. 37). Se até mesmo Maria, nossa Mãe, pergunta, que lógico é que cada cristão peça conselho aos outros perante a moção interior do amor de Deus: como devo fazer para dar-Lhe a minha vida? Onde achas que acertarei com o caminho para a minha felicidade? Que maravilha deixar-se aconselhar para poder dizer que sim, com uma liberdade radiante e cheios de confiança em Deus; colocar tudo o

que é nosso nas Suas mãos: "faça-se em mim segundo a Tua palavra."

[1] A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. III, Verbo, Lisboa 2003, p. 29

[2] F. Ocáriz, «A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja», em *O Opus Dei na Igreja*, Rei dos Livros, Lisboa 1994.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 902.

[4] Santo Inácio de Antioquia, *Carta aos Romanos*, n. 3 (PG 5, 690).

[5] Aristóteles, *De Anima* I, 2.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 902.

[7] Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), n. 175.

[8] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre S. Mateus*, VII. 5 (PG 57, 78).

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 797.

[10] Cf. S. Josemaria, *Via Sacra*, 7ª estação.

Pablo Marti

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/algo-
grande-seja-amor-chamada-resposta-
vocacao/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/algo-grande-seja-amor-chamada-resposta-vocacao/) (10/08/2025)